

**O PROGRESSO E AS HORAS PERDIDAS:
REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E O “FIM DOS TEMPOS”¹**

**THE PROGRESS AND THE HORAS LOST:
REFLECTIONS ON CLIMATE CHANGE AND THE “END OF TIMES”**

Ana Catarina Santilli²

Resumo

Este trabalho discute como as mudanças climáticas afetam a relação do ser humano com o tempo cósmico e como isso intensifica a sensação de “fim de mundo”. Para tanto, se baseia em alguns depoimentos coletados em uma pesquisa de doutorado sobre como famílias ativistas percebem a crise de sustentabilidade planetária, e na distinção entre tempo cíclico-mítico e tempo linear-histórico. Esses conceitos são tratados a partir dos estudos de alguns mitólogos, como Junito de Souza Brandão, Mircea Eliade e Luigia Zoja, além de diversos textos do filósofo Vilém Flusser a respeito de como a civilização moderna pensa natureza e cultura pela lógica do “progresso”.

Palavras-chave: Ecologia da Cultura. “Fim do mundo”. Crise Climática.

Abstract

This work discusses how climate change affects human beings' relationship with cosmic time and how this intensifies the feeling of “end of the world”. To do so, it is based on some testimonies collected in a doctoral research on how activist families perceive the planetary sustainability crisis, and on the distinction between cyclical-mythical time and linear-historical time. These concepts are treated based on studies by mythologists, such as Junito de Souza Brandão, Mircea Eliade and Luigia Zoja, in addition to several texts by philosopher Vilém Flusser regarding how modern civilization thinks about nature and culture through a logic of “progress”.

Keywords: Ecology of Culture. “End of the world”. Climate Crisis.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir como as mudanças climáticas podem afetar a sincronização do ser humano com o cosmos, a partir do momento em que sentimos que as estações no ciclo de um ano perdem suas definições e começam a se tornar imprevisíveis. A discussão aqui proposta parte de alguns depoimentos coletados no decorrer de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, que buscou captar, por entrevistas, as imagens pelas quais algumas crianças, pais e mães envolvidos no ativismo ambiental percebiam a crise de sustentabilidade planetária. A

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Tempo, sincronizações e rituais”, do VIII ComCult, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Bolsista do CNPq. E-mail: anacatsan@hotmail.com.

perda das estações e as mudanças bruscas de temperatura foram sintomas das mudanças climáticas que pareciam afligir bastante alguns entrevistados.

A fim de entender como a perda das estações pode afetar nossa psique e intensificar a sensação de “fim dos tempos”, o presente artigo pretende abordar a diferença entre o tempo cíclico-mítico e o tempo linear-histórico. Recorremos, para tanto, a algumas imagens míticas, capazes de revelar o modo instintivo como nossa psique percebe e se relaciona com o entorno, a partir dos estudos de Mircea Eliade e Luigi Zoja, além de alguns textos de Vilém Flusser, que faz diagnósticos relevantes sobre como a civilização moderna, com seu pensamento linear-histórico, visando o progresso, vem lidado com a natureza, a cultura e o lixo.

As Horas

No segundo semestre de 2022, foram realizadas uma série de entrevistas para uma pesquisa de doutorado com crianças, adolescentes, pais e mães que estão preocupados com a crise de sustentabilidade global³ na busca de captar como eles percebem o colapso ambiental. Entre os depoimentos coletados, podemos destacar alguns trechos, como a fala dessa menina de 10 anos, de Guarulhos (SP), para explicar como ela entendia o aquecimento global:

Aí eu sei que aquecimento global é que a Terra, né, nosso planeta, tá tendo um aquecimento muito grande. E aí normalmente, as estações (...) elas sempre foram muito bem divididas. Outono clima mais quente só que com friozinho. Inverno super frio, primavera quentinho, verão super quente não sei o quê. Só que aí depois o ser humano maravilhoso foi mudando tudo. (...) foi mudando isso. E aí, verão, agora tá chovendo, tá tendo até chuva de granizo. No inverno muito quente, um monte de coisa derretendo. Nossa senhora, as calotas polares aí (...).

Também podemos citar as falas de duas irmãs, uma de 11 e outra de 13 anos, que moram na capital de São Paulo:

Mais nova - Também dá pra reparar no aquecimento global e nas suas consequências diariamente. Por exemplo, o tempo que está ficando durante o verão
Mais velha – (...) Essas chuvas absurdas...
Mais nova – E no inverno calor, e no verão tipo um frio assim.

Nesses depoimentos, podemos vislumbrar a preocupação que surge quando essas crianças percebem que o aquecimento global já está impactando o clima que era esperado em cada fase

³ Em sua maioria eram famílias brancas, de classe média, que viviam em regiões metropolitanas, inseridas em um modo de vida que pode ser considerado “insustentável”. Mas em todos os casos eram famílias que estavam preocupadas com a crise de sustentabilidade planetária e buscavam algum modo de reverter o modo como nos relacionamos o entorno.

do ano. No entanto, quem provavelmente expôs de forma mais consciente o modo como essas mudanças lhe perturbam foi uma mãe, que também vive na capital de São Paulo (mas que, desde pequena, frequenta uma fazenda que seus pais têm no interior do estado):

A vida é feita de incertezas. Mas as mudanças do clima mudam o que a gente antes tinha por certo. Que eram os ritmos e os fluxos da natureza. E eu comecei a perceber isso. Foi uma das coisas que eu demorei pra perceber que estava me causando ansiedade. Que assim, nosso ano passava: juuum! Cara, não é possível que de repente o ano passou tanto! E não é só as férias. Daí acho que na terapia eu fui vendo que parte da minha angústia também tem a ver com o fato de que eu já sinto isso no meu dia a dia, quando eu não tenho mais estações. As estações servem para também coordenar os nossos fluxos do ano, né. Como quando o que é quente, quando o que é frio, quando está perto do Natal, quando está perto do fim do ano, quando... O clima é uma forma de mostrar. Então, isso foi um dos pontos que também me causou mais angústia.

Como essa mãe repara, as estações marcam a passagem do tempo natural e social. O outono segue o verão, secando as folhas, que caem das árvores. Mas a vida se renova após o inverno, quando a primavera regenera o verde à nossa volta. Daí surge o tempo cíclico, familiar, que permite nos situarmos no ano. Para os antigos gregos, as Horas eram as divindades que personificavam as estações no ciclo de um ano, assim como o próprio ano, como nos explica o mitólogo Junito de Souza Brandão: “Eram três as Horas: Eunômia, a Disciplina; Dique, a Justiça, e Irene, a Paz. (...) No mito, elas se apresentam sob duplo aspecto: como divindades da natureza, presidem ao ciclo da vegetação, como divindades da ordem, asseguram o equilíbrio da sociedade”. (Brandão, Dicionário Mítico-Etimológico, 2014, p.431).

Disciplina, justiça e paz. Essas três faces nos trazem indícios de como as estações podem vincular o ser humano com seu entorno, ao estabelecer uma ordem coesa para a natureza em um encadeamento familiar e cíclico, garantindo equilíbrio e tranquilidade ao cosmos. Por tal perspectiva, podemos entender que a crise climática ameaça extinguir as Horas, que fundam um tempo conhecido e ordenado, capazes de nos sincronizar não só com a natureza, mas também com a sociedade, que passa a se organizar em torno desses ciclos.

O tempo cíclico-mítico: o tempo cósmico

Nas mais diversas cosmogonias, um mundo é fundado a partir do momento em que ele se torna coeso e diferenciado, assumindo uma forma delineada, conhecida, com limites e eixos claros a partir dos quais podemos nos orientar. Surge, então, um *Cosmos*, em contraposição ao *Caos* externo, desconhecido, indiferenciado, desordenado, sem limites definidos e sem

sentido. Tanto que Mircea Eliade (2018) entende que um “mundo” se forma conforme fixamos os limites de um ambiente habitado, tornando-o significativo:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado do que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, ‘estranho’ (equiparado, aliás, aos demônios e às almas dos mortos). À primeira vista, essa rotura no espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto “cosmizado”, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem-se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos” (Eliade, 2018, p.32).

Podemos entender que, de certo modo, esse fenômeno coincide com as experiências primárias pelas quais a criança costuma passar para “fundar” seu mundo durante a infância. Harry Pross (1989) e Dieter Wyss (1975) nos falam sobre essas experiências pré-predicativas, nas quais uma criança se relaciona diretamente com o seu entorno pelo próprio corpo e começa a distinguir formas e atribuir sentido e valor às coisas que as cercam, criando uma ordem clara, familiar, e significativa, a partir da qual ela pode se vincular e agir sobre o mundo.

Isso ocorre não apenas em relação ao espaço, mas também em relação ao tempo. Quando podemos apreender uma transformação das coisas no nosso entorno, que sempre voltam ao seu estado original em uma ordem constante, surge um tempo circular, coeso e ritualístico, pois sempre se repete. Depois da fome, da carência, vem a amamentação, a saciedade, a abundância. Em dado momento, a fome voltará a surgir, mas o bebê começa a entender que, após um espaço de tempo, a saciedade também virá (Wyss, 1975, p.129).

Do mesmo modo, um ser humano pode se afligir ao perceber que os rios do seu entorno secam, mas se tranquiliza ao constatar que, em determinado período, as chuvas voltarão a enchê-los. Essa experiência do tempo, que pode ser organizado em fases cíclicas, acalma, já que proporciona um ritmo constante, familiar e minimamente previsível. Trata-se de um tempo cósmico e sagrado, pelo qual nos sentimos vinculados ao próprio Cosmos, em contraposição ao tempo caótico, desconhecido e profano, como constata Mircea Eliade:

(...) o tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos. Esse comportamento em relação ao Tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não-religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de “presente histórico”, esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à “Eternidade”. (Eliade, 2018, p.64).

Temos, então, um tempo sagrado, capaz de regenerar o próprio Cosmos, que se torna eterno. O mundo termina e volta a renascer a cada ano. A partir daí, “o Cosmos é concebido como uma unidade viva que nasce, se desenvolve e se extingue no último dia do Ano, para renascer no dia do Ano-Novos.” (Mircea Eliade, 2018, p.64).

Portanto, podemos entender que a passagem das estações no ciclo de um ano, em fases claras e ordenadas, manifestam essa regeneração constante da vida no “nosso mundo”: quando o Sol volta a se aproximar da Terra, quando o ar reaquece e o verde ressurgue, quando a chuva começa a cair em abundância e os rios transbordam, quando as flores desabrocham e os animais voltam a acasalar, quando brotam os frutos, quando os frutos amadurecem e despencam, quando o sol se afasta da Terra, quando as chuvas cessam e o nível dos rios começa a diminuir, até que o ciclo todo volte a se repetir. A partir daí, verificamos como a divisão do ano em estações diferenciadas podem nos sincronizar a outras vidas e ao próprio Cosmos, que, com seu ritmo e seus fluxos constantes, se revela como um mundo estável, ordenado, com uma face familiar, que nos acolhe e no qual podemos nos orientar.

Progresso: romper limites

Um aspecto desse tempo cósmico, capaz de nos abrigar, que merece atenção é o *limite*. Todo entorno que se torna um mundo coeso e conhecido é definido por limites claros, que o torna distinguível, reconhecível e imaginado. Percebemos e fincamos limites não apenas no espaço, mas também no próprio tempo, por meio de calendários e datas festivas que definimos pela própria percepção do mundo, que se regenera ciclicamente a nossa volta.

O limite é destacado por Luigi Zoja como um aspecto importante das sociedades míticas. “A palavra latina *limes* era um conceito muito simples: indicava o caminho que marcava os confins dos termos agrícolas e, depois, todos os tipos de fronteiras. *Hóros* era o termo grego correspondente, que podia também significar regra, lei” (Zoja, 2000, p.10). Esse limite não foi inventado pela civilização e imposta ao instinto. Pelo contrário, era percebido como algo inerente a todas as coisas e como uma necessidade da própria psique:

A vida natural é auto-regulada. As árvores não crescem até o céu. Por longo tempo o homem naturalmente reproduziu essa necessidade de limites. Inseriu-os nos mandamentos das religiões pré-modernas e nas partituras musicais, sem se dar conta de também tornar evidente uma necessidade da sua alma e dos seus ouvidos. (Zoja, 2000, p.11)

Os antigos gregos percebiam que existia um limite dado pela natureza e pelos deuses que devia ser respeitado. A própria cultura se inseria dentro desses limites, ao visar o *cultivo* e o desenvolvimento das plantas, das sementes e do próprio humano, a partir do potencial que lhes era dado pela natureza, ao mesmo tempo em que se respeitava seus limites inerentes: “O crescimento do homem era dentro da sociedade, como o da planta era no interior da natureza. O indivíduo e o todo deviam realizar em harmonia a lei que impõe o crescimento e, ao mesmo tempo, o seu limite” (Zoja, 2000, p.15). Tanto que o pior pecado para os antigos gregos era justamente a *hýbris*, o pecado dos excessos, do descomedimento, da *désmeasure*, que ocorre quando o ser humano ultrapassa o *métron*, que seria a “justa medida” para todas as coisas, o limite imposto pelos deuses: “(...) *hýbris* é uma *violência*, uma *insolência*, uma *ultrapassagem do métron* (na medida que o homem quer competir com o divino), daí o sentido translado de ‘orgulho, arrebatamento, exaltação de si mesmo’” (Brandão, 2014, p. 328).

Por tal perspectiva, o ser humano podia crescer, se desenvolver e modificar o mundo a sua volta até dado limite. Para os antigos gregos (assim como para muitas outras culturas), as ações humanas sobre o entorno tinham um impacto limitado: não era possível transformar o mundo e a natureza, vistos como algo maior, já que seguem seus fluxos, seus ritmos, regenerando-se a cada ciclo independentemente dos nossos atos. Os mitos trágicos dos gregos alertavam sobre o que acontece ao herói que busca ultrapassar o *métron*, ao tenta ir muito além das condições dadas pela natureza e romper com o destino traçado pelas *môiras*. Zoja nos lembra do mito de Ícaro, cujas asas queimam quando ele voa alto demais, chegando muito próximo ao Sol; e do mito de Faetonte, que quis guiar a carruagem do Deus Sol e acabou incendiando florestas, colheitas, secando rios, até que Zeus lançou nele um raio para acabar com aquela catástrofe.

No entanto, parece que começamos romper esses limites ao adentrarmos em uma sociedade histórica-linear, que passa a perceber o tempo não mais como um círculo, que sempre se repete, mas como uma linha com começos, meios e fins, pela qual avançamos progressivamente. “(...) a História não é circular nem monotamente repetitiva: ela tem inícios. E se conhece inícios, e, portanto, fins, com maior razão habita ela nos homens, que têm início e fim, e não nos deuses, que são eternos e imóveis e, portanto, a uma não-história móvel” (Zoja, 200, p75).

Essa consciência histórica vai ganhando força conforme vamos nos dando conta da capacidade humana de se expandir, intervir no entorno e modificar o seu rumo “natural”. Podemos entender que a escrita linear, que registra os feitos do humano sobre o mundo, assim como as religiões judaico-cristãs, baseadas em textos sagrados, que nos falam não apenas de começos, mas profetizam também o fim (além de defender o “crescei-vos e multiplicai-vos”), já carregariam essa consciência histórica. Contudo, é na Modernidade que tal pensamento histórico parece se intensificar.

A Revolução da Imprensa, com a popularização dos livros e dos jornais e a alfabetização em massa, certamente contribuíram para a formação desse pensamento linear-histórico (Flusser, 2009). Mas talvez nada tenha contribuído tanto quanto a Revolução Industrial, a partir da qual o “homem moderno” passa a manipular radicalmente a natureza, produzindo bens culturais, em escala cada vez maior, desenvolvendo meios de transporte e comunicação, que permitiram a civilização moderna se expandir ininterruptamente pelo espaço, conquistando novos territórios, até tomar todo o globo, em velocidade crescente. No atual século, sentimos nossa civilização correr em alta velocidade, com a progressão constante e acelerada de tudo a nossa volta: nova descoberta, novo *smartphone*, novo aplicativo, nova série, novo carro, nova tecnologia, que nos tornam obsoletos e ultrapassados a cada instante.

A modernidade faz uso de equilíbrios dinâmicos. O mundo em que vivemos é como um veículo de duas rodas que somente mantém a estabilidade continuando a correr. As outras civilizações, em sua maior parte, permaneciam em equilíbrio estático, como o da cadeira. Nós quase perdemos a ideia de condições similares. Estamos tão habituados à rápida sucessão das coisas ao nosso redor que nos é difícil conceber culturas povoadas por objetos, instituições e atitudes sempre iguais, indiferentes ao progresso (Zoja, 2000, p.59).

A civilização moderna alterou (e continua alterando) radicalmente o mundo, a tal ponto que sentimos que ele não pode mais voltar a ser o que era antes. O conceito geológico Antropoceno, cunhado pelo biólogo Eugene Stoemer em 1980, e disseminado pelo químico Paul Crutzen no início dos anos 2000, surge de tal constatação: quando diversos cientistas se dão conta de que as marcas humanas sobre o planeta foram se tornando profundas demais desde a Revolução Industrial, ao ponto de ultrapassarmos uma era geológica. A cada anúncio de uma nova espécie que entra em extinção, de um ecossistema que chega próximo do seu

tipping point, seu ponto de não retorno⁴, sentimos que o mundo perde seus traços familiares, sua capacidade de se regenerar e, provavelmente, de nos abrigar.

A Meta da História: devorar natureza e produzir cultura

Um filósofo que tratou bastante sobre o pensamento moderno histórico-linear é Vilém Flusser. Ele entende que o pensamento moderno percebe as coisas da natureza como algo constante, já que estão fadadas ao eterno retorno. Contudo, “dentro desse eterno retorno das coisas da natureza o homem encontra a si mesmo como irrevogável. Não retornará jamais e nisso reside a sua dignidade” (Flusser, 2017, p.218). Então, ele coloca:

Apenas o homem nasce e morre autenticamente. Nessa sua condição de nascido e mortal lança-se contra a constância da natureza. Lança-se contra ela, para superar sua condição humana, isto é, para imortalizar-se. As coisas constantes da natureza são o objetivo do homem mortal, porque nelas e pela sua manipulação o homem se imortaliza. (Flusser, 2017, p.219).

Ou seja, seria para vencer e ultrapassar a própria morte, o grande limite irrevogável de si mesmo, que o ser humano cria cultura. Ele faz isso devorando natureza e produzindo cultura (material e imaterial). Flusser (1972, 2002) parte de uma filosofia que entende a natureza como aquilo que o ser humano não compreendeu, não lhe atribuiu forma definida, nem valor. Sem ser apreendida, permanece como algo inteligível, incontrolável e, portanto, espantoso. Em certo aspecto, poderia coincidir com aquele caos amorfo e misterioso, do qual tudo advém e que tememos. De tal modo, criamos cultura, para que ela possa nos acolher da natureza espantosa e incontrolável, do Vazio primordial, do grande Nada (ou Tudo), e da própria Morte, que nos assombra. A meta do progresso e da história seria justamente devorar natureza, apreendê-la, valorizá-la, dominá-la, humanizá-la, ou seja, transformá-la em cultura.

A síntese da cultura é, pois, a armazenagem crescente de valores e formas. Engajar-se em cultura significa: engajar-se em valores e formas e assumir posição contrária a qualquer sem-valor e à tendência desinformante da natureza; significa, portanto, engajar-se na dignidade humana (no bem [valor] e no belo [forma]). E a meta do processo todo (da qual a história se aproxima assintomaticamente) é um estágio no qual a natureza é transformada em cultura, valorizada, informada – isto é: ‘humanizada’”. (Flusser, 1972, p.36).

⁴ Quando uma situação chega a um determinado limite em que não é mais possível revertê-la, voltar ao seu estado anterior.

Contudo, em sua crescente gula por devorar natureza e gerar cultura, tornando o mundo em “parque industrial” do “homem moderno” (Flusser, 2012), parece que a nossa sociedade começou a vislumbrar o ponto final da sua história (o limite que nossa psique instintivamente e receosamente aguarda).

O Fim da História: a entropia, o lixo e a Morte

No esquema que Flusser (1972) nos apresenta, o ser humano devora natureza para produzir cultura. E o objetivo da cultura seria armazenar e conservar valores e formas para “vencer a morte”. Porém, quando, inevitavelmente, seus valores e formas são totalmente gastos e processados, o bem cultural poderia se reintegrar à natureza. No entanto, muitas vezes esses produtos culturais são devolvidos à natureza sem terem sido completamente metabolizados e daí surge o “Reino do Lixo” (Flusser, 1972). O Reino do Lixo estaria entre o Reino da Cultura e o Reino da Natureza. Diferente do Reino da Natureza, o lixo não oferece abertura para a criatividade humana para lhe atribuir forma e valor, pois, já não é novo, milagroso, espantoso. O lixo já teve formas e valores, que foram gastos, desinformados, desvalorizados e ultrapassados. Só que não o suficiente para se reintegrar a natureza.

Em um modelo cíclico, o lixo eventualmente acabaria sendo metabolizado por vermes, bactérias e outros microrganismos até se reintegrar à natureza (em um processo de decomposição). Porém, quando, começamos a produzir cultura ininterruptamente, em uma velocidade maior do que somos capazes de consumir valores e formas, passamos a descartar produtos culturais, que rapidamente se tornam “obsoletos”, mas cujas formas e valores não foram devidamente digeridos e que não podem se reintegrar à natureza na mesma velocidade que produzimos cultura. Nem mesmo os vermes e as bactérias dão conta de todas as quinquilharias que produzimos. Por esse viés, Flusser flagra nossa incapacidade de *consumir* (ou seja, de fazer sumir) tudo o que nossa civilização moderna produz em velocidade progressiva desde a Revolução Industrial.

A impotência humana para o consumo pode, portanto, ser assim formulada: embora o homem seja capaz de valorar e informar natureza, ele é incapaz de armazenar permanentemente os valores e as formas, e também incapaz de eliminar definitivamente os valores e as formas gastos. Se quisermos chamar a natureza de “futuro”, e o lixo de “passado”, a impotência humana para o consumo pode ser reformulada existencialmente: o homem é capaz de apresentar o futuro, mas incapaz de manter o presente presente, e também incapaz de assumir o passado como futuro. (Flusser, 1972, p.38)

A partir dessa constatação, Flusser considera inadequado caracterizar nossa civilização como “sociedade do consumo”. Mais adequado é caracterizá-la como uma “sociedade do lixo”. Pois nossa cultura deve ser entendida como um canal que transforma natureza em lixo, em uma linha reta, inapta a qualquer regeneração. Por esse esquema, o progresso, que visa transformar natureza em cultura, passa a se revelar como um processo negativamente entrópico, sem capacidade regenerativa e que caminha aceleradamente em direção ao Reino do Lixo.

Enquanto armazém de valores, a cultura é um epíclito efêmero e negativamente entrópico, que assenta sobre o processo universalmente entrópico, e que serve para acelerá-lo. Engajar-se em cultura significa engajar-se em tarefa autodestrutiva. E a meta do processo todo (da qual a história se aproxima rapidamente), é um estágio no qual toda natureza for transformada em lixo (isto é: desnaturalizada e desumanizada)” (Ibid., 1972, p.38-9).

Quando a natureza tiver sido completamente devorada, não haverá mais o Caos misterioso, sem forma clara e que desafia nossa criatividade. Não haverá mais aquele Nada elementar, do qual tudo advém, não haverá o Vazio espantoso, e também não haverá mais abertura para o futuro, pois todas as frestas estarão obstruídas pelo lixo. Pois se a Natureza se apresenta como aquele Vazio de uma janela aberta para o futuro, o Lixo se apresenta como um grande biombo formado por uma massa informe de quinquilharias mal digeridas, recalçadas e empurradas pra debaixo do tapete, atrapalhando nossos passos e nossa visão pra além do lodo (material e imaterial), que geramos levianamente. Eis o ponto final do qual a nossa História se aproxima.

De maneira que podemos dizer que o engajamento em nossa cultura está se revelando atualmente como paulatina busca da morte, um suicídio que está se consumando (e consumindo) rápida e inevitavelmente (...). Em suma: A Grande Noite inicial e a Grande Noite Final estão cercando o dia efêmero da nossa cultura (Flusser, 1972, p.46).

Fim dos tempos

Após uma expansão ininterrupta, ultrapassando os limites planetários⁵, na busca de vencer a morte, parece que nossa civilização começou a encontrar o ponto final, um limite irrevogável, que vem se impor como a grande Morte Coletiva, que tanto tememos. Sentimos esse fim se

⁵ “Limites planetários”, ou “Fronteiras planetárias”, é um conceito proposto por ambientalistas e cientistas na busca de entender a resiliência do sistema Terra. Esses limites definiriam até que ponto a humanidade poderia se desenvolver sem afetar de forma irreversível a capacidade regenerativa do planeta. De nove limites estabelecidos, considera-se que já ultrapassamos seis.

aproximar não é de hoje. Em uma carta escrita em 1974 por Vilém Flusser para seu amigo Milton Vargas, podemos ler as seguintes palavras:

Hoje, pela primeira vez, não é apenas nosso sistema que parece periclitir, mas todo e qualquer sistema. Porque o back-ground da crise não é tanto o fortalecimento do socialismo e os movimentos de descolonização, mas o esgotamento do globo. Não é necessário ler o Clube de Roma⁶ para sentir o encolhimento esclerosado do globo como “ecos” da espécie humana (Flusser, 1974, p.100).

Se esse sentimento já tinha se afluído na década de 1970, na atual década, em que diversos cientistas declaram que vivemos uma Sexta Extinção em Massa, a sensação de fim nos assombra com um peso ainda maior. Nas entrevistas realizadas na pesquisa de doutorado com famílias que estão engajadas no enfrentamento da crise ambiental, houve vários depoimentos que confirmam essa sensação. Podemos, aqui, destacar alguns trechos.

Uma mãe que mora em Guarulhos (SP) expôs: “A minha perspectiva é muito clara, é que se eu ou eles não fizermos nada, a gente vai morrer congelado ou vai morrer derretido!”. Outra, que mora em Atibaia (SP) e é Testemunha de Jeová entende que o “Apocalipse” estaria muito próximo, pois percebe como várias profecias já estão se cumprindo ao constatar o estado em que a humanidade se encontra: sem amor, com muita guerra, desentendimento, fome, doenças que surgem ao extrapolar os limites do planeta: “A gente não sabe se vai acontecer amanhã, se vai acontecer daqui a dez anos. Mas que está tudo perto de um colapso, está tudo numa situação sem salvação, tá, né? Tá muito perto”. Uma terceira mãe, que vive em Bragança Paulista (SP), é jornalista e comunicadora climática, assim colocou:

As empresas de petróleo, por exemplo, estão investindo ainda em negacionismo climático e tudo o mais. A gente está vendo um governo suportado por muita gente, porque esse governo não se sustentaria se não fosse um monte de “*Faria limers*” (ri) suportando a existência desse governo. E, assim, vendo as taxas de desmatamento da Amazônia avançando, recorde atrás de recordes sendo quebrados. Esse vai ser o pior mês de setembro dos últimos dez anos em termos de desmatamento. E o mês passado já foi e o outro mês já foi. Então, assim, eles estão queimando a floresta. Eu sei que a gente está chegando perto do *tipping point* que o professor Carlos Nobre fala. Então, assim... É isso. É essa sensação de que a janela de oportunidade vai se fechando.

⁶ O Clube de Roma foi um grupo fundado em 1968, que reuniu intelectuais de diferentes áreas para discutir política, economia, meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Esse encontro resultou em um relatório que constatava, a partir de vários cálculos, que o planeta não suportaria a pressão por recursos naturais e energéticos provocados pelo crescimento populacional e o aumento do consumo. Seu relatório final ficou conhecido Relatório do Clube de Roma ou Relatório Meadows, sendo publicado em 1972 no formato de livro, com o título “Os limites do crescimento”.

Essa fala, em particular, é muito expressiva ao colocar em palavras essa sensação de uma janela que se fecha para o futuro. Outra fala muito reveladora veio de uma jovem ativista de 18 anos, que mora na capital de São Paulo:

Então, antes, quando eu era pequenininha, eu falava: “Quando eu crescer, eu quero ter cinco filhos” (ri). E aí, conforme eu fui crescendo, e, sabe, vendo hoje a emergência climática que a gente passa, e tudo mais e tendo muita ansiedade, eu fiquei: “Ah, não quero ter mais filho, não. Por que é que eu vou botar uma criança nesse mundo? Sabe?” Aí depois eu fiquei pensando muito sobre isso. Eu fiquei: Poxa, eu vou deixar a emergência climática... Tá tudo num nível tão ruim, que ela tá tirando sonhos de pessoas, vontade de pessoas. Sabe? Então, assim, eu não quero ter filhos mais (ri). Mas eu sinto muito por isso.

Um pouco adiante, a jovem declarou: “Não vou colocar alguém nesse mundo, não! Não do meu ventre!” Nesse depoimento, captamos a perda da esperança em um futuro, o sonho obstruído, como um ventre que se fecha à possibilidade de gerar, de regenerar a vida. Assim como a Grande Mãe Terra, que tem todos os seus orifícios férteis tapados pelo lixo onipotente e onipresente expurgado por nossa civilização moderna.

Sentimos que nossa Terra, em breve, não poderá mais nos abrigar. Talvez porque ela vem perdendo seus traços que nos eram familiares e coesos, como vislumbramos no grande receio exposto por aquela mesma mãe que explicou como a perda das estações lhe afligiam:

Eu também tenho medo da minha dor na escassez. Da minha dor em olhar para as coisas e não reconhecer. Da minha dor desse amor que eu tenho e que eu acho as coisas lindas, e olhar e falar... Puta, meu... Outro dia eu vi um vídeo lá dos corais, assim onde... Que merda, os corais!

Estamos perdendo os corais, as calotas polares, as florestas e também as estações do ano, as Horas. Estamos perdendo o colo estável e seguro de uma grande Mãe, que costumava nos embalar em um ritmo constante. E isso é o que torna o futuro imprevisível e inimaginável, como argumentou uma menina de 11 anos, que vive na capital de São Paulo:

A gente já acaba vendo um pouco das consequências atualmente. Tipo, além do tempo, queimadas constantes, a desinformação das pessoas... Aí você pensa, por exemplo: se o tempo está assim hoje, num nível alto do aquecimento global, mas não é tipo super, super, mega, hiper alto. (...) Mas quando for mega, super, super, hiper alto o aquecimento global, como é que vai estar o tempo, como é que vai estar? Então meio que... é meio inimaginável!

Para Flusser (2019) é justamente nossa incapacidade de imaginar o futuro que caracteriza o fim da História. Pois antes, nas narrativas de “Fim de Mundo”, ainda se acreditava em algo que viria após a “catástrofe”, vista como um ponto na curva, que muda sua tendência. Podia-

se, portanto, em outras épocas, se desejar alcançar esse ponto catastrófico. Mas hoje, isso já é absurdo, pois, como argumenta Flusser:

Não há nada “além da catástrofe”, precisamente por ser o além imprevisível, inesperável, portanto, não apresentável. O nosso clima apocalíptico não é comparável ao do ano 1000. O final do primeiro milênio esperava pelo Reino, e, quanto a nós, nada esperamos. Não adianta “objetivar” nosso receio. Dizendo que “sempre há futuro”. Porque “futuro” é categoria existencial: além da catástrofe não temos futuro (Flusser, 2019, p. 142).

Quando o futuro se torna inimaginável, quando não podemos mais concebê-lo, defini-lo, quando não sabemos mais o clima que nos aguarda, a História parece chegar a seu fim. Sem um tempo-cíclico, ordenado por estações claras e definidas, nosso ano não pode mais renascer e se regenerar. Segue correndo em direção à Morte, ao limite final da nossa História.

Morrer para renascer?

Diante de um caos climático, que abala nossa relação cíclica e familiar com o tempo, poderíamos confirmar que já estamos vivenciando o “fim dos tempos”. Entretanto, essa finitude, que tanto nos atormenta, poderia ainda abrir uma brecha para um novo tempo, ainda que imprevisível, inimaginável, caótico? Da morte, poderia renascer a vida?

Pois parece que, em muitos casos, é justamente dessa sensação de finitude que brota a esperança em algum futuro. Constatamos isso em uma entrevista realizada com um pai, que mora em Fortaleza (CE) e que é cientista climático e diz o seguinte:

E para mim é muito óbvio que precisamos de uma sociedade pós-capitalista. Porque, na verdade, é inevitável que a gente tenha uma sociedade pós capitalista. A questão é: qual é essa sociedade pós capitalista? Fundado em bases solidárias coletivas em um marco civilizacional ou se é uma barbárie. Do tipo das distopias que a gente vê no cinema. Para mim é muito evidente. Essa ideia aqui do mundo que a gente tem do crescimento econômico, a ampliação do consumo. Esse mundo acabou! Esse mundo acabou!

Uma mãe, que mora na capital de São Paulo, já articulou da seguinte forma:

Não é que o mundo vai acabar, que a natureza vai acabar. Não é. É a gente que vai acabar. Essa ideia é muito antropocêntrica, essa ideia de que a crise e tal, o planeta vai destruir. Não. O planeta vai assumir outra forma. E a natureza vai seguir existindo, porque tem uma força poderosa de reinvenção, de regeneração. Talvez quem não resista sejamos nós. Mas o fato da gente não se tocar disso é que é bem chocante.

Ainda que temerosos em relação a nossa própria morte, encará-la de frente talvez seja onde possa ressurgir uma esperança de vida. Pois a esperança reside na consciência de que a morte e a vida se movem ciclicamente e que uma pressupõe a outra. Afinal, é pela morte das células velhas que a renovação do corpo é possível. É pela morte dos antepassados que a nossa espécie pôde evoluir. A morte dos antigos é necessária para abrir espaço para uma geração nova, capaz de se adaptar às mudanças do mundo. A morte é uma exigência para qualquer metamorfose, que permite perpetuação da vida. É a essa conclusão a qual chegou Edgar Morin em sua obra *O Homem e a Morte* (1997, p. 347-8):

A mutação, origem da morte, é indistinta da origem da vida. O que não está em ordem, este caos subterrâneo e permanente, é, a um só tempo, o que cria e o que destrói. Não se pode conceber... Será que um dia se poderá conceber? De qualquer modo, a morte penetra, se enraíza no mistério que é, ao mesmo tempo, o da Matéria e o da Vida (Morin, 1997, p. 351).

Foi com um olhar semelhante, que Vilém Flusser também nos apontou uma brecha de esperança em meio à avalanche de lixo que nos invade por todos os cantos na Era Moderna:

Talvez não seja inteiramente perdida a esperança de que, exatamente no momento no qual a Grande Noite ameaça a devorar-nos, sejamos salvos pela Grande Mãe subjacente. Embora, paradoxalmente, a Grande Noite e a Grande Mãe sejam idênticas. E, para continuar o paradoxo, ser salvo é o mesmo de ser consumido. (Flusser, 1972, p.46)

A salvação, portanto, pode se apresentar no consumir, no metabolizar o lixo que tomou o nosso mundo. No mastigar, no digerir, no processar o pensamento que nos trouxe ao atual estágio em que o planeta se encontra. E isso só pode acontecer se ousarmos a encarar e assumir o estado crítico ao qual chegamos.

Em sua obra *O Enigma do Home*, Morin defende que é na crise que se baseia toda evolução humana. “O que é uma crise? É um aumento da desordem e da incerteza no seio de um sistema (individual ou social)” (Morin, 1973, p. 154). É a partir de tal desordem que somos impelidos a buscar por soluções novas, tanto imaginárias e mitológicas, quanto práticas e lógicas, a fim de reestabelecer uma ordem nova e coesa. Assim, podemos desinibir virtualidades até então inibidas. De tal modo, se faz necessário vivenciar a crise climática, assumir a morte das Horas, para podermos começar a metabolizar o lixo que nos enredou e, quem sabe, abrir algumas brechas para o futuro (ainda que seja impossível imaginá-lo).

Para finalizar, vale citar as palavras de um rapaz ativista de vinte anos sobre suas expectativas para o futuro: “Caos! Caos global! Acho que nem só no Brasil. Caos global realmente. Não tem muita expectativa. Mas a gente abraça o caos e vai, né?”. Possivelmente essa seja única esperança legítima que nos resta: abraçar o caos e caminhar.

Referências

BRANDÃO, J. S. (2014). Dicionário mítico-etimológico. Petrópolis: Vozes.

_____. (2015). Mitologia grega. 26 ed. Petrópolis: Vozes, v.1.

ELIADE, M. Mito e realidade. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FLUSSER, V. (1972). “A consumidora consumida”. Comentário. Rio de Janeiro, v. 13, 1972. p. 35-46.

_____. (1974). Correspondência com Milton Vargas. Cor _1_6-MV-3117_MiltonVargas/1966-1977 1 of 2. Arquivo Flusser São Paulo, p. 99-102. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=879. Acesso em: 26 jun. 2021.

_____. (2002). Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora.

_____. (2009). A sociedade alfanumérica. Trad. Milton Pelegrini. São Paulo: CISC, 2019. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/15-flusser-vilem/43-a-sociedade-alfanumerica.html>. Acesso em: 27 jan. 2024.

_____. (2012). A história do diabo. 4 ed. São Paulo: Annablume.

_____. (2017). O último juízo: gerações II: castigo & penitência. São Paulo: É realizações.

_____. (2019). Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: É realizações.

MORIN, E. (1997). O homem e a morte. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1973). O enigma do homem. Trad. Fernando de Castro Ferro. São Paulo:

PROSS, H. (1980). La violencia de los símbolos sociales. Trad. Vicente Romano. Barcelona: Anthropos.

ZOJA, L. (2000). História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano. Trad. Maria Massacese di Giuseppe. São Paulo: Axis Mundi.

WYSS, D. (1975). Estructura de la moral. Trad. Elena Bombín. Madri: Editorial Gredos, S.A.